

Barcelona tenta «arrefecer» Paris

No rescaldo de uma autêntica sublevação dos deserdados como a que se ensaiou em França, nomeadamente nas periferias de Paris e de outras cidades madrastas, com milhares e milhares de carros a arder, os poderosos de ambas as margens do ?rio? Mediterrâneo tentaram, em Barcelona, convencerem-se e convencer a comunidade internacional que estão dispostos "a actuar juntos contra o racismo, a xenofobia e a intolerância".

Neste ?diálogo de civilizações?, apoiado pelas Nações Unidas, o choque consubstancia-se nas divergências semânticas existentes na ideia europeia de por fim a toda a violência e terror e na ideia árabe de consagrar o ? direito de resistência à ocupação estrangeira?? Para bons entendedores, meia semântica basta.

A definição de terrorismo não é a mesma nas duas margens do grande rio. Os árabes dificilmente aceitarão meter no mesmo saco ?terrorismo? e ?resistência? e a Europa não quer desagradar demasiado aos Estados Unidos, numa altura em que o dossier dos voos secretos da CIA, com prisioneiros sem direitos, agita as mentes mais inquietas.

Recorde-se que depois do 11 de Setembro, a pretexto da luta contra o terrorismo, muitos países adoptaram práticas de repressão à oposição interna. restringindo liberdades fundamentais e legitimando práticas de tortura tão inaceitáveis que os próprios torturadores procuram realizá-las às escondidas e fora de casa.

A água do Mediterrâneo é um muro que não trava os milhões de emigrantes da margem esquerda que procuram a margem direita e que dificilmente se destruirá sem um plano para promover o acesso a uma educação de qualidade, segundo os objectivos do Desenvolvimento do Milénio da ONU, junto das populações mais carenciadas.

A guerra no Iraque e a situação que se vive no Afeganistão, na Palestina e na Tchetchénia contaminam todos estes esforços diplomáticos. E não adianta ensaiar outros temas de agenda para ?esquecer? a questão central da paz.

Não é pelo facto da Igreja de Roma preferir debater o problema das vocações sacerdotais de homossexuais (para que Bento XVI recupere o protagonismo do antecessor) que a Guerra e a Paz continua a ser o tema central do nosso tempo.